

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT18.014](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT18.014)

DESENVOLVIMENTO DA EMPATIA PARA REDUZIR *BULLYING* E *CYBERBULLYING* ENTRE ESTUDANTES ADOLESCENTES

Marília Pereira Dutra

Formada em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG);
Doutoranda em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, mdu-
tracg@gmail.com;

Sara Pereira dos Santos

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG),
sara.pereira04@gmail.com;

Viviane Alves dos Santos Bezerra

Formada em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG);
Doutoranda em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, vivia-
nebezerrapsi@gmail.com;

Lilian Kelly de Sousa Galvão

Doutora em Psicologia, Professora do Curso de Psicopedagogia da Universidade
Federal da Paraíba-PB, liliangalvao@yahoo.com.br

RESUMO

Casos de *bullying* e *cyberbullying* têm sido noticiados na mídia e investigados em estudos científicos, que mostram que essas formas de agressão são, cada vez mais, comuns no ambiente escolar. Com a pandemia e o maior uso das mídias sociais pelos adolescentes, essa incidência tem se tornado alarmante e gerado consequências danosas para todos os envolvidos, como: abalo na saúde mental e comportamental, isolamento social, evasão escolar, ideação suicida e suicídio. Diante desses dados, este trabalho objetivou avaliar a eficácia do desenvolvimento da empatia para reduzir o *bullying* e o *cyberbullying* entre estudantes adolescentes. Para tanto, realizou-se uma

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT18.014](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT18.014)

DESENVOLVIMENTO DA EMPATIA PARA REDUZIR *BULLYING* E
CYBERBULLYING ENTRE ESTUDANTES ADOLESCENTES

pesquisa-intervenção com o uso da estratégia informativa-afetiva-discursiva. O estudo foi aprovado pelo comitê de ética e seguiu todos os preceitos da pesquisa com seres humanos. Participaram 72 alunos/as, com idades de 14 a 18 anos, do sexo masculino e do feminino, do 9º ano do ensino fundamental II de uma escola pública do Rio Grande do Norte. No presente estudo, serão apresentados os resultados da Análise de Conteúdo dos dados coletados na etapa de dramatização da intervenção. Com a colaboração de quatro juizes, os dados foram organizados em cinco categorias: "Arrependimento e pedido de desculpa frente ao *bullying* e *cyberbullying*" (45%), "Palavras de apoio para a vítima" (19,2%), "Justificativa para cometer *bullying* e *cyberbullying*" (18,3%), "Identificação com a vítima e exercício empático" (13,3%) e "Mudança de comportamento" (4,2%). De maneira geral, os resultados encontrados sugerem que o desenvolvimento da empatia pode favorecer a redução do *bullying* e *cyberbullying*, além de gerar mudanças comportamentais com relação a tais práticas. Espera-se que esse estudo forneça auxílio para os profissionais da educação executarem intervenções voltadas para a redução de práticas agressivas no âmbito escolar.

Palavras-chave: *Bullying*, *Cyberbullying*, Empatia, Adolescentes, Intervenção.

INTRODUÇÃO

É fundamental que o ambiente escolar seja um local seguro e harmônico para que o ensino e a aprendizagem ocorram de forma efetiva (AMEDAHE; OWUSU-BANAHENE, 2007). Entretanto, o que tem sido noticiado na mídia e em estudos científicos sugere que diversas formas de agressão têm sido cada vez mais comuns nas escolas. Entre essas agressões, duas têm se destacado nos últimos anos pela sua incidência entre os adolescentes e pelas consequências danosas causadas às vítimas, aos agressores e toda comunidade escolar envolvida: o *bullying* e o *cyberbullying* (KOWALSKI et al., 2014; BRETAS, 2018).

De acordo com Olweus (2000), o *bullying* é definido partindo dos seguintes critérios: é um comportamento agressivo que envolve a intenção de prejudicar e causar angústia no outro; ocorre em uma relação interpessoal marcada pelo desequilíbrio de poder entre os envolvidos; e as ações ocorrem de forma repetitiva e ao longo do tempo. Já o *cyberbullying*, conforme Hinduja e Patchin (2012), refere-se a um ato agressivo intencional e repetido, realizado por um indivíduo ou um grupo, para infligir dano ou desconforto a outros por meio de tecnologias de informação e comunicação contemporâneas, como celulares e computadores.

Observam-se semelhanças entre as definições, entretanto a diferença está no contexto no qual acontecem as agressões, com o *bullying* acontecendo de forma presencial, enquanto o *cyberbullying* ocorre em ambientes virtuais, via internet ou por meio de dispositivos móveis, possibilitando que o agressor não vivencie o impacto emocional que suas ações causam na vítima. Dessa forma, o *cyberbullying* pode ocorrer de qualquer lugar e a qualquer momento, basta estar conectado. Tal fato permite uma vasta audiência de usuários da internet e que a ação seja rapidamente divulgada entre estes (MACHACKOVA; PFETSCH, 2016).

Conforme um relatório desenvolvido pela Equipe Multidisciplinar Internacional da Organização Não Governamental *Bullying Sem Fronteiras*, a nível mundial, um em cada três estudantes já foram vítimas de alguma forma de *bullying* ou *cyberbullying*. Dados de pesquisas realizadas na América Latina e na Espanha mostraram que 33% dos escolares (crianças e adolescentes), foram vítimas

de *cyberbullying* durante a quarentena de 2020 que aconteceu devido à pandemia do Coronavírus. Além desses dados, um estudo realizado no Brasil, entre janeiro de 2020 e dezembro de 2021, pela mesma organização, evidenciou que os casos de *bullying* e *cyberbullying* continuam aumentando, no qual 6 em cada 10 crianças sofrem algum tipo dessas agressões todos os dias. É válido destacar que nesse período vivenciou-se o ensino remoto, em que as agressões não se limitaram aos muros da escola, mas se proliferaram através das mídias sociais (ONG *BULLYING SEM FRONTEIRAS*, 2022).

Como foi supracitado, observa-se uma incidência dessas agressões na adolescência, que é o foco deste estudo. Com relação a essa etapa do desenvolvimento, compreende-se como uma fase marcada por alterações biológicas e psicológicas, que demandam inserção social para a construção de uma identidade. Sendo assim, a quarentena pode ser encarada como uma adversidade para o desenvolvimento saudável dessa população, visto todo o contexto ansiogênico do período pandêmico, aliado ao aumento da violência e de conflitos familiares, bem como de ideações suicidas e automutilações, isolamento social, evasão escolar, simultaneamente ao uso exacerbado da internet e, conseqüentemente, a maior exposição ao *cyberbullying* (COSTA et al., 2021).

Além de expor o aumento dessas agressões, é importante reconhecer o sofrimento do agressor e os fatores motivadores para tais práticas. Dessa forma, segundo Zhang et al. (2021), esse notório crescimento durante a pandemia, principalmente quando ocasionado por adolescentes, pode representar uma forma de aliviar a pressão causada pelos fatores acima citados. O que revela a necessidade de levar em consideração o sofrimento psíquico, as perspectivas de futuro desses adolescentes e o relacionamento com os pais, ao examinar esta forma de agressão em períodos de desastres.

Nesse sentido, frente aos danos na saúde mental provocados pela pandemia e ao aumento da agressão em uma vasta parcela de adolescentes, bem como pensando no retorno às atividades escolares presenciais, algumas escolas no interior do Rio Grande do Norte – RN têm investido no desenvolvimento das competências socioemocionais dos estudantes a partir do material produzido pelo

Instituto Ayrton Senna (IAS), além de práticas interventivas para o desenvolvimento de habilidades sociais realizadas por psicólogos.

No que se refere às competências socioemocionais, o IAS (2021) define estas como as capacidades que o indivíduo possui para pensar, sentir e se comportar em relação a ele mesmo e aos outros, para tomar decisões e determinar objetivos, além de enfrentar as adversidades da vida. Ainda de acordo com o IAS, existem cinco macro competências essenciais de serem trabalhadas (autogestão; engajamento com os outros; amabilidade; resiliência emocional e abertura ao novo), que estão subdivididas 17 competências, dentre as quais estão a persistência, assertividade, autoconfiança e a empatia.

Quanto a essa última competência citada, a empatia, Hoffman (2003) a conceitua como a capacidade de se colocar no lugar do outro, inferir seus sentimentos, e a partir dessa inferência, dá uma resposta afetiva que seja mais apropriada para a condição do outro, do que para a sua própria condição. É vasta a esteira literária que mostra que o desenvolvimento da empatia pode contribuir para a redução do *bullying* e do *cyberbullying* em amostras de diferentes faixas etárias (ANG; LI; SEAH, 2017; BEZERRA; GALVÃO, 2020; DUTRA, 2020; JOLLIFFE; FARRINGTON, 2011; LÓPEZ-PÉREZ et al., 2017; OUVREIN; DE BACKER; VANDEBOSCH, 2018).

O que se observa de modo teórico e empírico nesses estudos é que a empatia age como uma habilidade socioemocional que pode diminuir essas formas de agressões por fazer o indivíduo conseguir pensar e sentir o que a vítima poderia estar pensando ou sentindo no momento da agressão, criando roteiros cognitivos que seriam ativados ao presenciar ou se envolver em situações agressivas semelhantes. Sendo assim, para evitar essas sensações desprazerosas ao imaginar a dor do outro, tanto os comportamentos de *bullying* quanto de *cyberbullying* seriam reduzidos (DUTRA, 2020; HOFFMAN, 2003).

Existem diferentes tipos de intervenções e técnicas para o desenvolvimento da empatia, algumas mais voltadas para os aspectos cognitivos, outras para a dimensão afetiva (LANDIM; BORSA, 2017). Neste estudo, a técnica interventiva adotada para este fim foi a informativa-afetiva-discursiva, guiada pelo estudo de Dutra (2020) que apresenta duas formas de intervenção eficazes para

redução da agressão, a informativa-discursiva e a afetiva-discursiva. Baseando-se nesse estudo, uniram-se dimensões dessas duas técnicas de intervenção, para alcançar o objetivo deste trabalho que é avaliar a eficácia do desenvolvimento da empatia para a redução do *bullying* e do *cyberbullying* entre estudantes adolescentes.

METODOLOGIA

DELINEAMENTO

Este é um estudo de natureza qualitativa, do tipo descritivo. Salienta-se que as descrições do processo interventivo apresentadas no presente trabalho foram realizadas respeitando os princípios éticos que envolvem as pesquisas com seres humanos, conforme preza a Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016).

PARTICIPANTES

72 alunos/as do ensino fundamental II de uma escola pública do interior do Rio Grande do Norte – RN, provenientes da comunidade local, divididos entre três turmas do nono ano, nomeadas como “A”, “B” e “C”, sendo 57% dos participantes do sexo feminino e 43% do sexo masculino, com idades entre 14 e 18 anos, média geral de 16 anos.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Para analisar a eficácia da intervenção realizada, utilizou-se a escrita de cartas, nas quais os alunos discorreram sobre seus sentimentos diante do que foi realizado na etapa de dramatização da intervenção, que será melhor apresentada nas seções a seguir.

PROCEDIMENTO

A execução das intervenções, nas três turmas, ficou sob a responsabilidade da primeira autora deste trabalho, com o auxílio de uma monitora que foi previamente treinada para aplicação da

técnica interventiva. Após a escola informar as turmas que participariam da intervenção, foi realizado um encontro em cada turma para apresentar o tema, o objetivo, e a data em que iria acontecer a intervenção, além do tempo de duração (60 minutos). Também foi esclarecida a importância da participação dos alunos nesse encontro e informado o caráter voluntário da aceitação em participar.

A intervenção foi planejada para ser efetuada em 3 etapas, acrescida de uma etapa comportamental, todas elas constituintes da técnica de intervenção informativa-afetiva-discursiva, inspirada no estudo de Dutra (2020).

A primeira etapa, a informativa, teve o objetivo de informar aos alunos sobre a conceituação da empatia, do *bullying* e do *cyberbullying*, enfatizando os envolvidos nessas formas de agressões e suas possíveis consequências. Para tanto, a sala foi organizada em círculo e o conteúdo foi apresentado a partir de uma apresentação conceitual por meio de slides.

Já a segunda etapa, a afetiva, objetivou fazer os participantes experienciarem o lugar de alguém que já foi vítima de *bullying* e *cyberbullying* na escola. Sendo assim, essa etapa foi subdividida em dois momentos: aquecimento e dramatização. No aquecimento, o tema da intervenção foi disparado a partir de uma mídia visual disponível no *Youtube* no link <<https://www.youtube.com/watch?v=pkduLLJgks0&t=1s>>. Esse vídeo tem duração de 3 minutos e 46 segundos e relata a história de Isabela Nicastro. Esta é uma mulher branca que sofreu *bullying* e *cyberbullying* quando tinha 13 anos e estudava no oitavo ano do ensino fundamental. Foi nessa época que os colegas de Isabela criaram uma página na internet, com cerca de trinta pessoas, para difamá-la. Além disso, comportamentos de chacota também eram direcionados a ela presencialmente em sala de aula. No vídeo, Isabella ainda narra sobre as consequências advindas do *bullying* e *cyberbullying* que sofreu, resultando no desenvolvimento de comportamentos de isolamento, apatia e desinteresse em ir à escola. Por fim, ela ainda aconselha às pessoas que sofrem com isso a não ficarem quietas e procurar formas de denunciar tais agressões. É importante salientar que a parte na qual Isabela relata ter vivenciado ideação suicida, mais especificamente dos 2:38 a 2:48 minutos, foi retirada do vídeo antes da projeção, com o objetivo de evitar possíveis gatilhos para os alunos.

Além disso, esse relato foi escolhido por trazer uma história real de alguém que vivenciou as duas formas de agressão trabalhadas na intervenção, por alguém que tinha a mesma faixa etária dos participantes do estudo, conforme orientam Galvão, Dutra e Bezerra (2022).

O segundo momento dessa etapa foi a dramatização, que se pautou na utilização da técnica psicodramática intitulada “cadeira vazia” para promover o exercício de se colocar no lugar do outro. Essa técnica, de acordo com Blatner e Blatner (1996), faz com que em vez de outra pessoa desempenhar a figura complementar de um protagonista na dramatização, faz uma cadeira vazia representar.

Para isso, foi colocada uma cadeira vazia no meio da sala e relembrado aos participantes o relato de Isabela. Em seguida, foi solicitado que eles imaginassem que ela estava sentada naquela cadeira vazia. Logo após, foi dado o seguinte comando: “Isabela está sentada aqui hoje, diante de vocês. Imaginem que vocês foram esses colegas que praticaram o *bullying* e o *cyberbullying* com ela. Após ouvir o seu relato e saber como ela está se sentindo, o que você diria para ela? Escrevam uma carta sobre o que vocês gostariam de falar para Isabela. Não é necessário identificação e não existe resposta certa ou errada, o intuito é falar o que vocês sentiram e falariam verdadeiramente”. Para que os participantes pudessem se expressar, introduziu-se uma música, objetivando criar uma ambientação e estimular a projeção. Além disso, foi distribuído papel de carta e lápis e dado o tempo de quinze minutos para escrita. Após todos concluírem, o espaço foi aberto para aqueles que desejassem ler o que escreveram. Depois as cartas foram recolhidas e guardadas misturadas em uma caixa, sendo algumas lidas em voz alta para que todos pudessem ouvir, sem identificar quem a escreveu.

Por sua vez, a terceira etapa, a discursiva, foi guiada por um conjunto de questões norteadoras elaboradas previamente para fazer os participantes discutirem e refletirem sobre o que foi experienciado durante a intervenção. Algumas das questões foram: “Como foi esse momento para vocês?”, “Como vocês se sentiram?”, “Conseguiram imaginar outra pessoa que passou por situações semelhantes?”, “Como ela estava se sentindo?”.

Por fim, a etapa comportamental, inspirada para colocar em ação o que foi aprendido com a intervenção por meio da prática de

comportamentos pró-sociais, consistiu na distribuição de bombons e bilhetes para cada aluno, estes eram para serem preenchidos com alguma mensagem e, junto com os bombons, serem dados as vítimas de *bullying* ou *cyberbullying*, não necessariamente precisaria ser colegas de classe. Também podia servir como um pedido de desculpa para aqueles que tivessem praticado essas agressões com alguém e tivessem se arrependido.

PROCESSAMENTO E ANÁLISE DE DADOS

Os dados qualitativos, coletados a partir das cartas escritas pelos alunos (sem identificação), foram analisados por meio da Análise de Conteúdo Temática de Bardin (2011), que se trata de um processo de análise de comunicações de forma rigorosa, permitindo a organização dos dados em categorias temáticas, cada uma com um conjunto de palavras com sentido comum. Essa análise foi realizada por quatro juízes, que, com a concordância de no mínimo três deles (75%), eliminaram ou mantiveram as categorias que compõem os resultados deste estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise de conteúdo foi realizada com os relatos das cartas escritas pelos participantes das três turmas sobre o que eles fariam para a vítima de *bullying* e *cyberbullying* que teve sua história apresentada durante a intervenção. Ao todo, esse material coletado resultou em 120 fragmentos de conteúdo que foram organizados em cinco categorias temáticas intituladas: “Arrependimento e pedido de desculpa frente ao *bullying* e *cyberbullying*”, “Palavras de apoio para a vítima”, “Justificativa para cometer *bullying* e *cyberbullying*”, “Identificação com a vítima e exercício empático” e “Mudança de comportamento”. A seguir, será explicitado o conteúdo de cada uma dessas categorias.

a. **Arrependimento e pedido de desculpa frente ao *bullying* e *cyberbullying***

A primeira categoria, intitulada “Arrependimento e pedido de desculpa frente ao *bullying* e *cyberbullying*”, foi a que apresentou

maior frequência de conteúdo, como mostra o Quadro 1. A partir das respostas dos participantes, observa-se que a intervenção realizada provocou um reconhecimento do erro, gerando uma tomada de consciência acerca da gravidade das agressões cometidas, desencadeando a demonstração de arrependimento, seguida de pedidos de desculpas e perdão pelos atos que imaginaram terem feito.

Quadro 1. Frequência e exemplos de relatos da Categoria 1

Categoria 1: Arrependimento e pedido de desculpa frente ao bullying e cyberbullying	
Frequência	Exemplos de Respostas
54 fragmentos de conteúdo – 45%	“Desculpa, Isabela, não pensei que com minhas brincadeiras sem graça iria te machucar tanto. Me arrependo de tudo que fiz. Perdão!”
	“Sinto muito, não pensei que aquilo ia te afetar tanto. Eu realmente estou muito arrependido e gostaria muito do seu perdão. Aquilo foi muito ridículo e se eu pudesse voltar no tempo, não faria isso.”
	“Eu sei que a gente errou, mas, por favor, perdoe a gente. Me desculpe mesmo por tudo.”

Esses resultados denotam o que alguns estudos já têm apresentado sobre a empatia ser a principal determinante sociocognitiva para o perdão, principalmente quando a agressão acontece entre pessoas que já tenham relações próximas (MCCULLOUGH et al., 1998 apud PINHO, 2011). Desse modo, observa-se que a empatia auxilia tanto ao ofendido, reduzindo a motivação para possíveis vinganças, quanto ao ofensor, promovendo comportamentos pró-sociais como o pedido de desculpas.

b. **Palavras de apoio para a vítima**

Nomeada como “Palavras de apoio para a vítima”, a segunda categoria em tamanho de frequência, aborda relatos nos quais os participantes tentam ajudar a vítima de *bullying* e *cyberbullying* através de palavras confortantes, demonstrando afeto e ressaltando qualidades da vítima, como uma tentativa de diminuir o sofrimento relatado por ela.

Quadro 2. Frequência e exemplos de relatos da Categoria 2

Categoria 2: Palavras de apoio para a vítima	
Frequência	Exemplos de Respostas
23 fragmentos de conteúdo – 19,2%	“Você é uma menina linda e muito doce, você merece um futuro incrível pela frente. Desejo que você possa realizar todos os seus sonhos.”
	“Seja confiante, não ligue para o julgamento das pessoas. Seja quem você é e nunca deixe ninguém te fazer pensar o contrário. Você é incrível do jeito que és. Não se cale diante da situação.”
	“Você e nem ninguém deve passar por algo assim, você é luz, Isabela. Não deixe ninguém apagar a tua luz, brilhe bastante e mostre para o mundo que você é forte e incrível. Beijos de luz.”

O conteúdo apresentado nessa categoria se relaciona com os dados da pesquisa realizada por Galdino e Ferreira (2013) para entender o papel que o apoio de figuras significativas exercia na superação dos efeitos do *bullying* no contexto escolar. Essa pesquisa demonstrou que o apoio do outro (tanto figuras familiares quanto amigos da escola) e a sensibilidade demonstrada diante da situação vivenciada, amenizava os efeitos da agressão e contribuía para a promoção da resiliência das vítimas. Sendo assim, os 19,2% dos relatos que compõe essa categoria podem ser considerados como incentivadoras para a minimização das consequências sofridas pela vítima, devido às agressões vivenciadas, bem como demonstra a sensibilidade dos participantes, desenvolvida a partir da intervenção.

c. **Justificativa para cometer *bullying* e *cyberbullying***

“Justificativa para cometer *bullying* e *cyberbullying*” é a terceira categoria em tamanho de frequência, como demonstra o Quadro 3. Nesta, os participantes tentaram mostrar à vítima o que poderia ter motivado eles a praticarem as agressões, justificando e salientando que o “problema” era se sentir inferior à vítima.

Quadro 3. Frequência e exemplos de relatos da Categoria 3

Categoria 3: Justificativa para cometer <i>bullying</i> e <i>cyberbullying</i>	
Frequência	Exemplos de Respostas
22 fragmentos de conteúdo – 18,3%	“Isabela, você era uma menina muito estudiosa que só tirava 10, por isso era <i>nerd</i> .”
	Acho que naquele momento, não só eu, mas todos que fizeram aquilo estava sentindo meio que inveja por você ser uma aluna exemplar.”
	“Isabela, não fique mal porque você não merece. Muitas vezes nós podemos estar com inveja de você ou não temos com quem conversar, e até podemos estar passando pela mesma coisa.”

Essa falta de conexão com a vítima, uma possível inveja, exemplificada no conteúdo dessa categoria, demonstra o que é relatado por Jolliffe e Farrington (2011) sobre praticantes de *bullying* e *cyberbullying* apresentarem dificuldades em vivenciar as emoções dos outros. Desse modo, hipotetiza-se que esses relatos podem pertencer àqueles participantes com maiores níveis dessas agressões. Contudo, o estudo realizado não dá conta de responder a esse dado.

Além do exposto, um estudo realizado por Costa e Pereira (2010) para observar a relação entre a prevalência do *bullying* na escola e o sucesso escolar, em uma amostra de 3891 alunos, com idades de 5 a 16 anos, mostrou que alunos com dificuldades escolares são mais agressivos do que aqueles com sucesso escolar. Além disso, a autopercepção do rendimento escolar baixo é um motivador para as agressões. Resultados desse estudo podem se relacionar com essa categoria por evidenciar atos agressivos advindos de alunos que se sentiam inferiores a uma aluna vista como tendo alto rendimento escolar.

d. Identificação com a vítima e exercício empático

A quarta categoria, intitulada “Identificação com a vítima e exercício empático” fornece conteúdos que denotam o desenvolvimento da empatia, assim como a identificação de vários participantes com a vítima, o que pode ter contribuído para uma melhor compreensão do sofrimento dela, fortalecendo o exercício empático.

Quadro 4. Frequência e exemplos de relatos da Categoria 4

Categoria 4: Identificação com a vítima e exercício empático	
Frequência	Exemplos de Respostas
16 fragmentos de conteúdo – 13,3%	“Agora que eu não sou mais aquela criança sem maturidade, sei como é difícil, me coloquei no seu lugar e percebi que eu não ia querer que ninguém passasse por isso, e como prejudica a vida da pessoa que é vítima do Bullying.”
	“Isabela, imagino o quanto foi ruim o que você passou, pois eu também sofri preconceito e foi ruim.”
	“Eu também sofri e sei que dói muito, também pode contar comigo para dizer o que você está sentindo.”

Em uma pesquisa intervenção realizada por Bezerra e Galvão (2020) para a promoção da empatia como uma estratégia de prevenção ao *bullying* na infância, foram encontrados resultados semelhantes aos demonstrados nessa categoria, de modo que houve uma redução nos níveis de *bullying* das crianças, além deles terem evidenciado o desenvolvimento de habilidades empáticas. Segundo as autoras, esses resultados foram alcançados devido a empatia exercitada através da intervenção, levar os sujeitos a experimentar o lugar do outro e se imaginarem em sua condição, assim como mostra os resultados dessa categoria.

Conforme Galdino e Ferreira (2013), esse desenvolvimento empático mostra-se fundamental para que hajam mudanças no cenário de agressão, minimizando seus índices de prevalência e favorecendo aos autores envolvidos, visto que, para os adolescentes, a expressão da empatia através da compreensão e do suporte em relação a situação vivenciada pela vítima, contribui para a saúde mental dessa vítima e gera mudanças positivas nos demais envolvidos.

e. Mudança de comportamento

A última e com menor frequência entre as categorias foi intitulada “Mudança de comportamento” por representar as mudanças observadas nos relatos dos participantes concernentes a não cometer mais *cyberbullying* e *bullying* e transformar suas atitudes frente a essas agressões, não só com Isabela, mas com outras possíveis

vítimas. O que contribui, desse modo, com a diminuição dessas formas de agressão de maneira mais ampla.

Categoria 5: Mudança de comportamento	
Frequência	Exemplos de Respostas
5 fragmentos de conteúdo – 4,2%	“Eu só sei que não vou fazer mais nada disso com ninguém.”
	“Sentimos muito por tudo, não iremos praticar mais nada nesse sentido.”
	“Eu nunca mais xingo você.”

O conteúdo expresso nesta categoria, apesar de ter menor frequência, traz uma contribuição notória ao salientar que uma intervenção de caráter pontual, já é capaz de produzir mudanças comportamentais em alguns dos participantes. Quando essas intervenções acontecem de forma mais sistematizada e por um período de tempo, os resultados podem ser observados até meses depois da execução, de forma longitudinal, como mostram os resultados do conjunto de intervenções realizadas por Dutra et al. (2019) e Dutra (2020) para a redução de comportamentos agressivos em crianças a partir do uso da técnica afetiva-discursiva.

Desta forma, priorizar a implementação de intervenções empáticas de forma sistemática e transversal aos conteúdos escolares, pode gerar mudanças significativas no que se refere a redução de práticas agressivas (DUTRA, 2020). Ter essa percepção por parte dos participantes evidencia o valor de continuar a intervir em ambientes educacionais a partir do desenvolvimento de habilidades sociais como a empatia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram observados os diversos impactos negativos ocasionados pela pandemia da COVID-19 na saúde mental dos adolescentes que voltaram à escola, sendo um destes o aumento de casos de *bullying* e de *cyberbullying*. Frente a isso, observou-se que, a partir dos resultados apresentados, o objetivo de reduzir esses tipos de agressão, através da execução de uma intervenção para o desenvolvimento empático, foi alcançado.

No que se refere às limitações desse estudo, aponta-se para o caráter pontual das intervenções e sugere-se a realização sistemática de um conjunto de intervenções de modo transversal às disciplinas estudadas. Além disso, em virtude do tempo, a importância do observador enquanto figura primordial para combater às agressões não ficou tão evidente para eles, como é perceptível nos resultados. Destarte, aumentar o tempo de duração das intervenções e enfatizar esse papel também é primordial.

Apesar das limitações encontradas, fica evidente que a empatia é um fator indispensável para a não-reprodução e, consequentemente, a diminuição de agressões como o *bullying* e o *cyberbullying* nas escolas. Nossos resultados demonstram a importância dos profissionais da psicologia no ambiente escolar, além de evidenciar a urgência de trabalhar temáticas transversais à realidade dos adolescentes como forma de promoção de saúde mental. Indo, portanto, de encontro com as práticas punitivistas ainda presente no cenário acadêmico.

Nesse sentido, consideramos relevante investigar, em estudos futuros, de que forma a problemática do *bullying* e *cyberbullying* chega para os profissionais e para os responsáveis pelos adolescentes. Bem como, qual é a forma de enfrentamento que as vítimas encontram após sofrer agressões que, em muitos casos, os levam a trocar de escola e enfrentar mais uma adversidade para a fase da adolescência que é a construção de novos vínculos.

Por fim, espera-se que este trabalho contribua para que demais profissionais da psicologia e da educação possam se inspirar para a realização e a divulgação de intervenções eficazes para a redução do *bullying* e do *cyberbullying* em adolescentes, favorecendo uma maior harmonia e aprendizagem no ambiente escolar e a construção de uma cultura de amabilidade.

REFERÊNCIAS

AMEDAHE, F. K.; OWUSU-BANAHENE, N. O. Sex differences in the forms of aggression among adolescent students in Ghana. **Research in Education**, 78, 54-64. 2007.

ANG, R. P.; LI, X.; SEAH, S. L. The Role of Normative Beliefs About Aggression in the Relationship Between Empathy and Cyberbullying. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, vol.48 (8), 1138–1152, 2017. <https://doi.org/10.1177/0022022116678928>

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Traduzido por Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BEZERRA, V. A. S.; GALVÃO, L. K. S. A promoção da empatia como estratégia de prevenção ao bullying na infância. In: MELLO, R. G.; FREITAS, P. G. (Orgs.). **Saberes, experiências e práticas na educação contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora e-Publicar. 2020.

BLATNER, A.; BLATNER, A. **Uma visão global do psicodrama: fundamentos, teóricos, históricos e práticos**. São Paulo: Ágora. 1996.

BRASIL. Resolução 510/2016. (2016). **Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos**. Ministério da Saúde/ Conselho Nacional de Saúde, Brasília, 07 de abril.

BRETAS, V. **Brasil fica em segundo lugar em ranking global de ofensas na internet**. Exame. 4 de julho de 2018. Disponível em: <<https://exame.com/brasil/brasil-fica-em-segundo-lugar-em-ranking-global-de-ofensas-na-internet/>>. Acesso em: 23 de março de 2022.

COSTA, Luiza Cesar Riani et al. Adolescer em meio à pandemia de Covid-19: um olhar da teoria do amadurecimento de Winnicott. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 25, 2021.

COSTA, P. J. F.; PEREIRA, B. O. O bullying na escola: a prevalência e o sucesso escolar. In: **I Seminário Internacional "Contributos da Psicologia em Contextos Educativos"**. Braga: Universidade do Minho, 2010. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/1822/13613>>. Acesso em: 22 de novembro de 2022.

DUTRA, M. P. **Avaliação de estratégias para a redução de comportamentos agressivos em crianças de 9 a 12 anos**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. Disponível em:

<<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/18243>>. Acesso em: 22 de novembro de 2022.

DUTRA, Marília Pereira et al.. Promoção da empatia para redução de comportamentos agressivos: análise do grupo focal. **Anais VI CONEDU**. Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <<https://editora-realize.com.br/artigo/visualizar/62282>>. Acesso em: 22 de novembro de 2022.

GALDINO, M. J. R.; FERREIRA, S. P. A. O apoio das figuras significativas na superação do bullying no contexto escolar. **Psic. da Ed.**, São Paulo, 37, 2^º sem. de 2013, pp. 31-41. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/psicoeduca/article/view/27685>>. Acesso em: 22 de novembro de 2022.

GALVÃO, L. K. S.; DUTRA, M. P.; BEZERRA, V. A. S. **O desenvolvimento da empatia: conhecimento teórico e prático para profissionais da educação**. E-book VII CONEDU 2021 - Vol 03., Campina Grande: Realize Editora, 2022. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/82232>>. Acesso em: 22 de novembro de 2022.

HINDUJA, S.; PATCHIN, J. W. Cyberbullying: neither an epidemic nor a rarity. **European Journal of Developmental Psychology**, Vol. 9 (5), 539-543. 2012.

HOFFMAN, M. L. **Empathy and moral development: implications for caring and justice**. Cambridge, England: Cambridge University Press, 2003.

IAS, Instituto Ayrton Senna, São Paulo. **Competências socioemocionais para contextos de crise**. São Paulo. Disponível em: <https://institutoayrtonsenna.org.br/pt-br/socioemocionais-para-crieses.html?utm_source=site&utm_medium=hub-botao-2206#o-que-sao-competencias-socioemocionais>. Acesso em: 24 de julho de 2021.

JOLLIFFE, D.; FARRINGTON, D. P. Is low empathy related to bullying after controlling for individual and social background variables?

Journal of Adolescence, Vol.34(1), 59–71. 2011. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2010.02.001>

KOWALSKI, R. M.; GIUMETTI, G.W.; SCHROEDER, A. N.; LATTANNER, M. R. *Bullying* in the digital age: a critical review and meta-analysis of *cyberbullying* research among youth. **Psychological Bulletin**, 140, 1073–1137. 2014. <http://dx.doi.org/10.1037/a0035618>

LANDIM, I.; BORSA, J. C. Revisão sistemática sobre programas de intervenção para redução de comportamentos agressivos infantis. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo, v. 10, n. 1, p. 110-129, 2017. <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2017.101.09>.

LÓPEZ-PÉREZ, B.; HANOCH, Y.; HOLT, K.; GUMMERUM, M. Cognitive and Affective Empathy, Personal Belief in a Just World, and Bullying Among Offenders. **Journal of interpersonal violence**, vol. 32 (17), 2591–2604, 2017. <https://doi.org/10.1177/0886260515593300>

MACHACKOVA, H.; PFETSCH, J. Bystanders' responses to offline *bullying* and *cyberbullying*: The role of empathy and normative beliefs about aggression. **Scandinavian Journal of Psychology**, Vol.57(2), 169–176. 2016.

OLWEUS, D. (2000). *Bullying*. In: KAZDIN, A. E. (Ed.), **Encyclopedia of psychology** (487–489). Washington, DC: American Psychological Association. 2000.

ONG BULLYING SEM FRONTEIRAS. **Estatísticas de Bullying no BRASIL, 150.000 casos**. Bullying sin fronteiras, 2022. Disponível em: <<https://bullyingsinfronteras.blogspot.com/2022/02/estatisticas-de-bullying-no-brasil.html>>. Acesso em: 02 de Julho de 2022.

OUVREIN, G.; DE BACKER, C. J.S.; VANDEBOSCH, H. Online celebrity aggression: A combination of low empathy and high moral disengagement? The relationship between empathy and moral disengagement and adolescents' online celebrity aggression. **Computers in Human Behavior**, Vol. 89, 61-69, 2018. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2018.07.029>.

PINHO, V. D. **A influência da habilidade empática sobre o perdão interpessoal.** Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 122f, 2011. Disponível em: < <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/15252>>. Acesso em: 9 de novembro de 2022.

ZHANG, Yuchi et al. Psychological Distress and Adolescents' Cyberbullying under Floods and the COVID-19 Pandemic: Parent-Child Relationships and Negotiable Fate as Moderators. **International journal of environmental research and public health**, v. 18, n. 23, p. 12279, 2021.